

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Amadeu Amaral
Luiz de Camões
(Ensaio)



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Amadeu Amaral

Luiz de Camões

(Ensaio)

Atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1924.

**Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado
(1875 — 1929)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 496



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Amadeu Amaral: “*Luiz de Camões*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

BIOGRAFIA

Amadeu Amaral (A. Ataliba Arruda A. Leite Penteado), poeta, folclorista, filólogo e ensaísta, nasceu em Capivari, SP, em 6 de novembro de 1875, e faleceu em São Paulo, SP, em 24 de outubro de 1929.

Fez o curso primário em Capivari e aos onze anos veio para São Paulo para trabalhar no comércio e estudar. Assistiu algumas aulas do Curso Anexo da Faculdade de Direito, foi um autodidata, pois não concluiu o curso secundário. Ingressou no jornalismo, trabalhando no *Correio Paulistano* e no *O Estado de S. Paulo*. Em 1922 transferiu-se para o Rio como secretário da *Gazeta de Notícias*. Do Rio mandava para *O Estado de S. Paulo* a crônica diária “Bilhetes do Rio”. Voltando a São Paulo exerceu cargos na administração pública.

Autodidata, surpreendeu a todos por sua extraordinária erudição, num tempo em que não havia, em São Paulo, as universidades e cursos especializados. Dedicou-se aos estudos folclóricos e, sobretudo, à dialectologia. No Brasil, foi o primeiro a estudar cientificamente um dialeto regional. “Dialeto caipira”, publicado em 1920, escrito à luz da lingüística, estuda o linguajar do caipira paulista da área do vale do rio Paraíba, analisando suas formas e esmiuçando-lhe o vocabulário. Visando à formação dos jovens, assim como Bilac incentivara o serviço militar, Amadeu Amaral procurou divulgar o escotismo, que produziu frutos, certa época no país.

Sua poesia enquadra-se na fase pós-parnasiana, das duas primeiras décadas do século XX. Como poeta, destacou-se pelo desejo de contribuir, com suas obras, para a elevação de seus semelhantes, em todas as suas obras, a ponto de seu sucessor, Guilherme de Almeida, ao ser recebido na Academia, ter intitulado o seu discurso: “A poesia educativa de Amadeu Amaral”, mas porque visava indiretamente ao aperfeiçoamento humano.

Por ocasião do VI centenário da morte de Dante, proferiu, no Teatro Municipal de São Paulo, uma conferência, enfatizando justamente os aspectos de Dante que exaltam a elevação do espírito humano através da Sabedoria. Também soube ressaltar as qualidades morais de Bilac no discurso de posse, mostrando-o como homem preocupado com os problemas da sua pátria e escritor que evoluiu em sua poesia para um grau maior de espiritualidade.

Do site da:
Academia Brasileira de Letras
Março, 2014

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	1
I - PORTUGAL NO SÉCULO XVI.....	3
II - VIDA E CARÁTER DE CAMÕES.....	8
III - O HOMEM DA RENASCENÇA.....	14
IV - O PORTUGUÊS.....	21
V - O POEMA.....	26

LUIZ DE CAMÕES

*SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA,
de S. Paulo.
Ao
SR. DR. LAUDELINO FREIRE.*

O pequeno trabalho que vai aqui é uma conferência pronunciada em sessão comemorativa do centenário do nascimento de Camões, realizada em Março do corrente ano, no Teatro Municipal de S. Paulo, por iniciativa, da Sociedade de Cultura Artística: trabalho pequeno ainda mais pelo conteúdo do que pela extensão.

Não há aí grandes ideias nem descobertas interessantes acerca do poeta, sua vida e sua obra. A própria composição e escrita nada têm de novo, nem mesmo de mui to pessoal.

Tudo isso se explica, em parte pelas naturais deficiências do autor, em parte pela índole do trabalho. Trata-se de uma conferenda, e conferência feita, não para intelectuais e estudiosos, mas para um público numeroso e, embora educado, heterogêneo. Está no programa da Cultura Artística, e em qualquer caso estaria no meu, dar às conferências proferidas perante os seus associados um caráter quase didático, dentro de normas de simplicidade, ordem e clareza. Não me permiti, pois, subentender no auditório um largo conhecimento da vida e obra do poeta, nem grande familiaridade com a bibliografia camoniana. Não procurei tampouco desenvolver ideias muito pessoais, que me levassem a pontos de vista polêmicos, não só deslocados, mas impossíveis de serem convenientemente abordados numa simples conferência comemorativa, onde o caráter sintético era de rigor.

Todavia, tal como está, sendo muito modesto, e de certo inútil para as pessoas ilustradas, este trabalho não é um mero trabalho de compilação: ao contrário, custou-me algum esforço. Aliás, não lhe poria minha assinatura, e menos o publicaria. Como sempre, e como já declarei num outro prefácio, não quero que tomem as minhas coisas nem por mais nem por menos do que elas valham.

Este volume vai dedicado à Sociedade de Cultura Artística, que tanto tem feito em S. Paulo, e que tão gentil tem sido comigo, e ao meu ilustre amigo Dr. Laudelino Freire, diretor da "Revista de Língua Portuguesa", que amavelmente me pediu a conferência para a reeditar em volume, sem se deter ante a

perspectiva segura de um completo não-êxito de livraria. São duas dedicatória a que o coração docemente me obriga.

Ainda uma palavra, sobre a ortografia. Há muito que adotei para meu uso a oficial portuguesa, que me parece perfeita mente corresponder às necessidades e conveniências da nossa escrita. Entretanto, neste voluminho, como em alguns dos outros que tenho publicado, a ortografia segui da é a "usual". — isto é, aquela que ninguém usa. Não quer isso dizer que eu abra mão do sistema adotado: quer dizer apenas que não sou intransigente. Acho que a ortografia oficial portuguesa é a melhor das que se têm inventado, e que devia ser perfilhada por todos, sem mais questões, para descanso de todos nós e pacificação da família brasileira; mas, enquanto não se adota geralmente, não vejo maior inconveniência em que algum dos meus trabalhos seja condimentado por qualquer outra espécie de ortografia, etimológica, sônica, mista, combinada, variável, antiga ou moderna. Mas a razão por que a ortografia deste volume sai pautada, mais ou menos, pela chamada "usual", não está numa indiferença absoluta da minha parte: está apenas em que a conferência, escrita à portuguesa, foi vestida à moda "usual" pelo "Estado de S. Paulo" a cuja redação entreguei os originais e que a publicou em primeira mão; e depois, recortando-a daquela folha, não tive tempo nem paciência para tornar a trocar-lhe a roupa.

A. A.

I- PORTUGAL NO SÉCULO XVI

Em meados do século XVI, Portugal acabara de realizar a espantosa epopeia militar e marítima dos descobrimentos, um dos mais maravilhosos surtos de vontade coletiva, a que a humanidade tem assistido.

Dealbando obscuramente desde os tempos remotos de dom Diniz e dom Fernando, essa vontade adquire feição deter minada e obstinada na robusta e curiosa figura do infante dom Henrique. Heroi impetuoso, tendo-se arrojado ao ataque de Ceuta com o furor esbraseado de um demônio místico, recolhe depois ao melancólico silêncio da sua empinada vila de Sagres, em face do mar e do céu, e de tal modo se dá a trabalhos de observação e a vigílias de estudos, que se torna o espanto de quantos o cercam: "per certo (escreveu Gomes Eannes de Zurara), antre todallas nações de homeês, nom se pode fallar dalgum que mais grandemente senhoreasse si meesmo."

Foi esse príncipe, tão medieval sob mais de um aspecto, quem deu o primeiro impulso notável para se destroçar o sinistro mundo de lendas e de assombros que a idade média, continuando os antigos, acumulara sobre os mares desconhecidos, além das colunas de Hércules, e para, por essa maneira, palpando o mistério com os avanços tentaculares das primeiras expedições, inaugurar a arremetida envolvente dos grandes périplos portugueses.

Conta o cronista que, voltando a Sagres, depois de ter dobrado o cabo Bojador, em 1434, Gil Eannes trouxera para o príncipe um ramo de flores, como atestado de que mentia a ciência do tempo pretendendo que as terras equatoriais nada produziam; e o infante recebeu-as com tal contentamento e cheirava-as com tanta delícia, como se aquilo "fora algum fruto e mostra da terra da promessa."

Depois, sabeis como cresceu o sonho "austinado" e a esperança radiosa de dom Henrique. A nação achou-se, sob dom João II e dom Manuel, como tomada de um generoso delírio de expansão e de aventura, contra todos os terrores e todos os riscos dos mares e das terras mais remotas, contra todas as fadigas, todas as contrariedades, todas as desgraças, deixando por toda a parte do mundo cadáveres de portugueses tragados pelas ondas, esmagados contra os rochedos, sepultos nas areias das praias, mas plantando por toda a parte a bandeira das Quinas. E então, não apenas ramos de flores constituíram as páreas das terras descobertas e conquistadas, nem apenas se provou que as terras equatoriais permitiam a vida.

Esse povo, que então contaria menos de três milhões de almas, tornou-se, como diz um escritor francês, o porta-estandarte da civilização. Nunca o heroísmo, inflamado pelo entusiasmo patriótico, esteve mais ao serviço da

humanidade. Alargando desmesuradamente os limites do mundo conhecido, alargou na mesma amplitude os horizontes da ciência.

Os mares ignotos apareciam à imaginação dos contemporâneos como povoados de monstros, golpeados de pegos viscosos e flamejantes, semeadas de ilhas misteriosas — encantadoras ou terríveis. Graves autores afirmavam, fundados em Strabão e Plínio, em Lactâncio e Santo Agostinho, que a zona equatorial era estéril e desabitada, que não existiam antípodas, que a humanidade se concentrava nas velhas terras conhecidas. Mandeville ensinava que no mar da Etiópia não havia peixes, por não o consentir o calor. Os navegadores varreram do planeta esse nevoeiro de erronias e de fantasmas. Desvendaram ao geógrafo todo um mundo real, mais vasto e mais maravilhoso que o das lendas. Ao mesmo passo, confirmaram as vistas da nova astronomia, que vinha pela mão de Copérnico, e revelaram-lhe novas constelações. Facilitando e instigando um mais largo contacto da inteligência humana com a natureza e dando-lhe uma visão mais vasta e mais perfeita da terra, imprimiram indiretamente um impulso formidável a esse espírito de curiosidade indagadora, que da Renascença em diante permitiu a formação da ciência positiva. Também a arte da navegação recebeu uma quantidade preciosa de lições e de exemplos práticos sobre o manejo dos instrumentos, sobre o uso das cartas, sobre, com particularidades do ofício.

Finalmente, as consequências políticas e econômicas das descobertas não foram menores que as intelectuais. Assim que, quando Portugal acabou a sua obra maravilhosa e imperecível, estava quebrado e exausto, mas o mundo renovava-se.

Essa irradiação assombrosa de energia através dos mares remotos não podia ser fato isolado no conjunto da vida portuguesa contemporânea, assim como não o era na sua história. Tudo, em certo período, ou concorria para a concretização do sonho de dom Henrique, ou delia dependia. Passou pela grei portuguesa uma aura insólita de exaltação.

Exaltação em tudo, a começar pelos caracteres. Que país pôde apresentar, em determinado momento da sua existência, uma galeria de tipos tão rude e magnificamente contornados, tão fortes e seguros de si, da sua vontade e do seu papel, como essa que resplende nos anais portugueses de meados do século XV a meados do século XVI? Dir-se-ia reviverem os ásperos heróis de Esparta e de Roma, cristalizações acabadas de uma consciência social chegada ao máximo de coesão e de sinergia.

Como o fez notar Antero de Quental, o que havia nesses homens não era a simples bravura, de que se encontravam exemplos em todas as nações; era o heroísmo à antiga, à romana, baseado na ideia do dever; não na fantasia

romanesca, não na sensibilidade, mas numa concepção racional, máscula e corajosa, do dever. Por isso eram austeros, íntegros, leais, homens de um só coração e uma só palavra, caracteres de uma só peça. É curioso notar como isto se passava justamente numa época em que, pela Europa fora, a relaxação da velha disciplina espiritual mediévia produzia, ao lado de uma grande soltura de costumes, uma policrômica florescência de espíritos desabusados, cétricos, maliciosos e ondulantes. Era a época de Maquiavel, de Montaigne, de Rabelais.

Verdade é que, ao mesmo tempo, sob a região elevada onde se moviam esses heróis, rolava uma enchente de instintos e de paixões desapoderadas. O espírito de aventura, aliado à cobiça, andou pelos mares da Índia, da China e do Japão em correrias inacreditáveis, assombrosas de energia e de audácia, terríveis de rapacidade e de crueza. Delas nos ficou o testemunho literário de Fernão Mendes Pinto, em cujos pormenores não se sabe sempre distinguir a verdade da fantasia, mas que em conjunto exprime a verdade geral e viva dessa outra fosca epopeia infinitamente movimentada e pitoresca.

No que toca à revivescência e à paixão dos estudos humanísticos e das lucubrações literárias, não houve apenas, em Portugal, um mero reflexo do grande movimento europeu, embora seja certo que, por efeito de influências várias e controvertidas, o bom impulso não conservou por muito tempo a mesma galhardia da primeira hora.

A nação entrou, desde fins do século XV, através de uma legião de espíritos abertos e ansiosos, em íntimo contato com a obra de cultura que se espalhava pela Itália, França, Alemanha e Flandres. Numerosos moços portugueses saem curiosamente a correr terras, a visitar os centros intelectuais, a procurar o convívio dos astros novos, que despontavam em cardumes no céu ainda assombrado da melancolia medieval. Muitos brilham nas universidades e liceus da Europa, não poucos se tornam mestres e regem cadeiras, fora da pátria. Aires Barbosa, aluno de Ângelo Policiano em Florença, funda os estudos helênicos na península ibérica, desde a sua cátedra na universidade de Salamanca. André de Rezende, — o criador da palavra "Lusíadas" — viaja a Europa, torna-se amigo de Erasmo, volta a Portugal, funda uma escola que é um foco de cultura humanística e inicia os estudos de arqueologia clássica em sua pátria. Aquiles Estaco rege uma cadeira na Universidade da Sapiência em Roma; Tomé Corrêa, Gaspar Corrêa, João Vaz Castelo Branco, Martinho de Figueiredo e outros vivem na Itália e aí professam letras, medicina, matemática, jurisprudência. Os Gouveias tornam-se pedagogos afamados na França, contribuindo para a formação de espíritos como os de Montaigne, Rabelais e Ignácio de Loyola. Mas de todos esses e tantos outros, que afirmaram na estrangeiro uma vitalidade intelectual diminuída e abafada no meio nativo, nenhuma figura tão complexa, tão vigorosa e tão interessante como Damião de Góes, que viaja a Europa toda, exercitando por toda a parte a sua inteligência

compreensiva e sagaz, amante de arte, literatura e erudição, curiosa de política, de religião e de filosofia, entretém relações com Erasmo, Lutero, Melanchton, Paulo III, Bembo, Sadoletto, e morre aos setenta e tantos anos perseguido pela Inquisição .

Dentro do país, apesar de tudo, é grande o número de estudiosos, de eruditos, de cultores das letras latinas e gregas, principalmente das primeiras. Muitos mestres estrangeiros e nacionais, formados segundo o novo espírito, professam nos colégios ou ensinam nos paços e casas nobres. Contam-se por dezenas os homens cultos que versejam distintamente na língua e nos metros de Horácio e Virgílio. Exemplo de alta cultura aliada a uma personalidade forte, destaca-se nesse meio o bispo Jerônimo Osório, que fez em latim a crônica de dom Manuel e, em vernáculo, uma série de famosas cartas rebrilhantes de saber, de bom senso e de franqueza.

A própria corte de d. João III, e, com ela, a aristocracia participam a princípio do entusiasmo humanístico e literário, conformes nisto à velha tradição dos príncipes portugueses, que sempre representaram, desde os primeiros tempos do país, um papel primacial em coisas de literatura. Já se não celebram no paço real, com tanta pompa, os "momos e serões" do período de dom Manuel, pelos quais suspira um pouco rabugentemente o supercilioso Sá de Miranda. A paixão religiosa e as práticas devotas vão em maré montante, a tal ponto que São Francisco Xavier poderá comparar o paço do rei ao mais regulado mosteiro. Mas a verdade é que nada disso impede inteiramente o amor da cultura e das belas letras. A rainha d. Catarina é beata, mas gosta de livros. A doce e triste princesa d. Maria, irmã do rei, esmeradamente educada, conhece línguas, prática de coisas de saber e de gosto, e parece que compõe versos. Fazem-lhe companhia as Sigéas, duas senhoras notavelmente instruídas, uma delas poliglota e erudita de truz; Paula Vicente, filha do comediógrafo, também escritora e douta; Joana Vaz, forte "em letras latinas e outras artes humanas". O infante dom Luiz é poeta, e parece que dos melhores do tempo, pois em manuscritos antigos são-lhe atribuídos alguns dos sonetos que figuram em certas coleções camonianas, e o príncipe dom João procura pôr-se em relações com os escritores notáveis.

A língua dura e embaraçada de Fernão Lopes e dos cancioneiros desemperra-se, areja-se, musicaliza-se. Surgem os primeiros gramáticos, Fernão de Oliveira à frente, muito menos sábios, e também muito menos extensos e complicados que os que virão depois, mas talvez por isso mesmo trazendo antes um estímulo suave ao aperfeiçoamento e polícia da frase do que um complicado instrumento de compressão e tortura à livre elocução nativa. A língua floresce. Presta-se a todos os gêneros, dá cor e relevo a todas as pinturas, sonoridade e cadência a todos os cantos, força, maleabilidade, graça a todos os sentimentos, clareza a todas as ideias. Grave e enxuta com João de Barros, branda e maviosa com Heitor Pinto, concreta e viva nas relações de naufrágios, graciosa e florida nos

poetas da corte, é sempre singela, espontânea e sã, e, acima de tudo, saborosa e ingenuamente portuguesa, portuguesa como as naus da Índia, como a Batalha, ou como a custódia de Gil Vicente.

A literatura, animada pelo desenvolvimento da imprensa, faz trabalhar os prelos numa incessante labuta. Ao lado das relações de naufrágios, divulgadas em folhetos avulsos, sucedem-se os roteiros de viagens, as informações das terras longínquas, as narrativas de longas excursões ponteadas de trabalhos, de lutas e de mortes. João de Barros lança as primeiras "Décadas"; Castanheda, a sua "História do descobrimento e conquista da Índia", Damião de Góes a sua crônica de dom Manuel. A novela cavalheiresca e sentimental recrudescer e chega a contaminar outros países; é a "Menina e Moça", de Bernardim, é a "Segunda Távola Redonda", de Jorge Ferreira, é o "Palmeirim", de Francisco de Moraes, é o "Clarimundo" de João de Barros, — e o resto perde-se na sombra. Multiplicam-se os moralistas e os místicos: Amador Arraiz escreve os seus "Diálogos", inflados de erudição, polvilhados de latim, prolixos e monótonos, mas enfim cheios também de boa e saudável sabedoria em saudável e boa linguagem portuguesa; e, encerrando o século, Tomé de Jesus põe na elocução desataviada, justa e pura dos "Trabalhos de Jesus", traduzidos em várias línguas, a imensa resinação e a suprema esperança da sua alma de mártir e de santo. Nasce o teatro clássico com Sá de Miranda, Antônio Ferreira e Jorge Ferreira de Vasconcelos, ao mesmo tempo que se continua a corrente vicentina com Ribeiro Chiado e Antônio Prestes. O lirismo expande-se torrencialmente. Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão fazem as delícias da corte com os seus versos apaixonados e saudosos. Sá de Miranda, de volta da Itália, introduz e propaga a nova poética, o decassílabo, o soneto, a "terza rima", a oitava (de que se havia de servir Camões), a "canzone", os moldes clássicos da égloga. Os poetas da "medida velha", apegados às formas tradicionais da redondilha, relutam. Jorge Ferreira detesta essas novidades, e não traga o soneto. Afinal, tudo se acomoda: a escola nova triunfa, naturalmente favorecida pela já velha influência dos temas e das ideias da poesia italiana, mas a "medida velha", à sombra do antigo favor da corte, subsiste com seus motes e tenções, cantigas e voltas, cultivados pelos próprios italianizantes, — Miranda, Ferreira, Caminha, Bernardes, Agostinho da Cruz, d. Manuel de Portugal e mais um largo séquito.

Tudo, neste quadro, parece exprimir vida e progresso. Desgraçadamente os germes de destruição tombam do florido regaço da glória. Corridas as cortinas dos mundos ignotos, varadas as solidões oceânicas e as distâncias nevoentas pelo vôo intrépido das caravelas, galeões, carracas e naus, dir-se-ia que o mundo de seres estranhos, varridos dos mares com suas ilhas e continentes fabulosos, se concertara para uma vingança tácita e mortífera.

Lisboa, tendo destronado Veneza de seu império comercial, torna-se a mais opulenta e movimentada cidade da Europa: com a opulência vêm o luxo e a

dissipação, os exageros da cupidez, o culto amolecedor do dinheiro, dos prazeres e da preguiça. A "pequena casa lusitana", que anda dispersando sua atenção por todos os quadrantes da terra, dissipa o melhor do seu patrimônio demográfico pela sangria do êxodo e descuida-se tristemente do seu horto natal. A população decresce. A pobreza aumenta. "Nunca — diz Ajotbero de Quental — povo algum absorveu tantos tesouros, ficando ao mesmo tempo tão pobre!". O Santo Ofício paira como uma sombra de terror sobre a nação e as colônias.

II - VIDA E CARÁTER DE CAMÕES

A biografia de Camões está cheia de pontos obscuros e de falhas irremediáveis. Uma multidão de pesquisadores tem procurado esclarecer esses pontos e suprir essas falhas, já escavando todos os documentos que possam projetar algum fio de luz sobre essa vida quase inteiramente soterrada, já buscando o resíduo de verdade que exista nas tradições e nas lendas referentes ao poeta, já, enfim, analisando e conferindo com outros elementos os traços respigados na própria obra de Camões. Não há, porém, como nos iludirmos sobre o caráter conjectural das reconstituições tentadas com esses materiais. São tão frágeis, que às vezes nos dão a impressão de castelos de cartas habilidosamente arranjados.

Se, entretanto, assim é com os fatos de que se teceu a biografia do poeta, já o mesmo não se dá com a sua personalidade. Não há talvez elementos bastantes para se fazer delia um retrato acabado, mas os elementos que há são suficientes para um largo esboço, em que apareçam os traços essenciais. E sente-se que, por mais que se amplie, se retifique e se aperfeiçoe a biografia, nada poderá resultar que altere seriamente esses traços.

Camões, segundo notícias geralmente aceitas, foi, na mocidade, indivíduo desempenado e gentil. Estatura meã, louro, olhos chispantes, nariz "de cavalete", era jovial e folgazão de seu natural.

Tudo quanto sabemos e tudo quanto podemos depreender dos sucessos de sua vida, como de seus atos e escritos, impõe-nos a visão de um temperamento rico e vibrátil e de um caráter complexo e contraditório, — "má cabeça, bom coração" Era homem de sentimentos vivos e acentuados, sem essas esfumaturas de sensibilidade ou esses meios tons indefiníveis e fugitivos das almas domesticadas e alisadas em épocas de pacífica sociabilidade e longa polícia: sentimentos que iam de pressa dos Ímpetos de clara alegria aos soluços de amargura veemente, da grossa jovialidade burlesca às donosas gentilezas palacianas, do arranco sensual ao rapto de misticismo.

Frequentou breve tempo os paços da Ribeira, onde se fez valer pela sua cultura e pela graça dos seus repentes e onde o encanto dos seus versos lhe mereceu os cognomes de "Sereia do Paço" e "Cisne do Tejo" Cá fora, porém, era o rapaz insofrido e brincalhão, o "Trinca-fortes", com laivos talvez do ânimo esperto e prepotente da mocidade dourada do tempo e, ainda que altivo, não de todo isento daquela estouvance boemia, com que já então alguns poetas faziam roçar a clâmide da Musa pelas tavernas e calçadas da cidade.

Sobre esses aspectos da sua vida, na juventude, formaram-se muitas lendas, como sempre acontece, e segundo essas lendas o nosso futuro épico teria chega do a ser, por um lado, um valentão perigoso e, por outro lado, um repentista pedinchão. Calúnias, sem dúvida. Parece averiguado, contudo, que não foi propriamente um santo, mas viveu e saboreou a sua hora de mocidade e soltura.

Teve relações com o patusco frade Ribeiro Chiado, com quem é fama que se mediu de uma feita em ligeiro combate de improvisos, a ver quem ganhava uns melões postos como prêmio por um fidalgo. O caso não se afigura impossível, porque nisso de disputar pequenos benefícios o poeta não achava graves impedimentos. A um outro fidalgo, que lhe prometera uma camisa e tardava com ela, não duvidou desfechar uma cobrança em regra, por sinal que sob graciosíssima forma:

*Quem no mundo quiser ser
Havido por singular,
Para mais se engradecer,
Há de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometer.
E já que vossa mercê
Largueza tem por divisa,
Como o mundo todo vê,
Há mister que tanto dê,
Que venha a dar a camisa.*

Assim como não tinha os requinta dos escrúpulos de uma austera concepção de dignidade literária, que só viria muito depois, também não tinha as surdas irritações desta sombria hipersensibilidade moral, tão encontradiça em nossos tempos de exagerado e dolorido culto do Eu.

Depois que esteve a servir em Ceuta, onde lhe ficou o olho direito numa Tefrega, pareceria, a julgarmos pela nossa experiência atual, que viesse de lá cheio de orgulho e devorado de melancolia. Moço galanteador e mundano, estuante de aspirações que não eram apenas de glória póstuma, aquele olho perdido parece que lhe devia ter levado metade da luz de sua alma, deixando-

lhe o coração todo recozido em sangrentas angústias . A verdade é que, reatando a vida que antes levava em Lisboa, continuou a despender-se em galanteios e chalaças e brincos; e — o que é mais — tendo-lhe uma senhora chamado "cara sem olhos" longe de se doer da impiedosa grosseria, retribuiu-a com outro e desanuviado galanteio, todo entretecido de trocadilhos:

*Sem olhos vi o mal claro,
Que dos olhos se seguiu:
Pois cara sem olhos viu
Olhos que lhe custam caro.
D'olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejam;
Vendo-vos, olhos sobejam;
Não vos vendo, olhos não são.*

Houve ainda uma senhora, por no me "Foã dos Anjos", que lhe chamou diabo. A essa, igualmente, retrucou numa desenfarruscada série de redondilhas não menos engraçadas, nem menos cortesias:

*Quem quer que viu, ou que leu,
Terá por novo e moderno,
Ter quem vive no inferno
O pensamento no Céu.
Mas, se a vós vos pareceu
Que me estava bem tal nome,
Esse diabo vos tome.*

.....

Esse gênio folgazão e despreocupado continua a manifestar-se mais tarde, na Índia, depois de tantos sucessos tormentosos, — o olho perdido, os serviços em Ceuta sem recompensa, a briga no dia da procissão de "Corpus Christi", seguida de muitos meses de cárcere, o embarque forçado como simples soldado raso, a dura viagem de seis meses salteada de tempestades, e enfim o apartamento de tudo quanto amava. De Goa escrevia ele a um amigo, dando novas de si e da terra em tom de chança: "vivo mais venerado que os touros da Merceana e mais quieto que a cela de um frade pregador". Lá mesmo, compôs a sátira dos "Disparates da Índia", recheada de mordacidades e de gracejos fortes, e lá mesmo ofereceu aos amigos aquele almoço original, em que os pratos, em vez de comida, continham copias espirituosas.

A história de seus amores, como os mais acontecimentos importantes de sua vida, anda muito romanceada de lendas antigas e de conjecturas e imaginações antigas e novas.

Segundo Teófilo Braga, teve três inclinações sérias em sua existência: a primeira, por uma prima, em Coimbra, quando estudante: a Belisa que aparece em algumas de suas poesias; a segunda, pela excelsa dona Francisca de Aragão, dama da rainha; e a terceira, a mais célebre, por uma das várias Catarina de Ataíde que então viviam no paço, formosa vergôntea da estirpe fidalga dos Limas. A todas dedicou versos repassa dos ao fogo de uma paixão "decisiva" A que realmente lhe ficou na alma para o resto da vida, — parece verificado — foi a última.

Contudo, nos intervalos desses amores, ou durante eles, não desdenhou as graças nem sempre inocentes de outras senhoras; e na Índia, apesar de todos os revezes e de todas as saudades, ainda encontrou mulher ou mulheres em quem empregasse as largas sobras da sua abundante afetividade. Na sua obra lírica perpassa toda uma teoria de fidalgas, burguesas e plebeias, solteiras e casadas, brancas, morenas, loiras e trigueirinhas, mais ou menos tenebrosas.

No meio dessa exuberância e dessa versatilidade de um temperamento pouco dado a saborear a volúpia da tristeza e mal talhado para os longos êxtases contemplativos, salteavam-no vagalhões de dor e de desespero. A esses devem-se alguns dos relanços mais comovedores da poesia lírica.

Não há fiar muito na realidade vivi da de todos os casos íntimos que parecem memorados na obra dos poetas. Todos eles pagam o seu tributo à literatura, e nós sabemos que Camões o pagou. Leitor fervente de Sannazaro e Petrarca, de Garcilaso e Boscan, apaixonado de cultura, sacrificando mesmo largamente à erudição imitando o cantor de Laura nos sonetos, imitando a outros antigos e modernos, é claro que nem todos os seus versos lhe brotaram inteiramente do íntimo, embora sempre pusesse nesses labores de arte estudiosa ao menos uma vibração de sua rica sentimentalidade própria. Entretanto, há trechos, da sua obra lírica onde o grito de alma *resáe* da contextura dos versos, pungente, inconfundível, com esse tom cavo e dorido da voz molhada de lágrimas, e onde o vinco da sinceridade profunda — e digo pro funda porque há também uma sinceridade superficial, como há emoções superficiais — é confirmado pela ocasião, pelas circunstâncias e pelos antecedentes que explicam a crise emocional do poeta.

Esses gritos de alma encontram-se espalhados por toda a obra, nos sonetos, nas redondilhas, nas canções, nos "Lusíadas" Eis como soa, por exemplo, a canção X, escrita numa hora de solidão amargurada, lá nos confins do mundo, num recanto inóspito e triste da Ásia, onde o poeta fora ter, como um farrapo levado pelo vento, depois de ter esvoaçado e rolado por longos mares e desvaira das terras e nações:

...Aqui a alma cativa,

*Chagada toda, estava em carne viva.
De dores rodeada e de pesares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna;
Soberba, inexorável e importuna.
Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Um pouco reclinasse por descanso:
Tudo dor lhe era e causa que padeça,
Mas que pereça não; porque passasse
O que quis o destino nunca manso.
Oh que este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreiam:
Somente o Céu severo,
As estrelas e o fado sempre fero
Com meu perpetuo dano se recreiam,
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno...*

Tocamos no lado sério, refletido e elevado dessa alma complexa. Quando vamos penetrando um pouco além das primeiras aparências e dos possíveis, rápidos desvios, logo descobrimos sem dificuldade um caráter sólido e magnânimo.

Teve inimigos e rivais literários e mundanos, pérfidos e maldosos, mas não se queixa nominalmente de ninguém: não há em toda a sua obra um vestígio de rancor ou de vingança.

Quando, na procissão de "Corpus Christi", desembainhou a sua espada para ferir no toutiço um criado do paço, em defesa de dois amigos, sabia naturalmente da gravidade do seu crime, que atingia a própria pessoa do rei: traço de valentia generosa. Depois, preso, processado, metido em dura enxovia, sob a ameaça de severíssima sentença, não denunciou os cúmplices, que haviam escapado à ação da justiça, protegidos pela máscara que traziam e ao favor do reboliço que se seguira ao incidente.: traço de cavalheirismo inflexível.

Nem sempre soube ter diante dos grandes aquelas atenções e resguardos que favorecem os ambiciosos e protegem os tímidos, e isto sem duvida contribuiu para as suas desgraças. Num tempo em que a Inquisição pesava sobre os espíritos, e em que os jesuítas desfrutavam todos os favores do paço, ele manifestava abertamente a sua antipatia pelos "franchinotes", como se vê das suas cartas e de alusões contidas nos "Lusíadas".

Outro fato, indicativo da sua "imprudência": a comédia de "El Rei Seleuco" é tecida sobre a imaginária história de um soberano que cede sua esposa ao filho, mortalmente enfermo de paixão pela madrasta; ora, entre dom Manuel e seu filho o príncipe dom João houvera também uma comédia de amor e casamento, ainda fresca na memória das gentes. Aqui, a situação dos personagens era a inversa: dom Manuel, em vez de ceder a mulher amada, casara-se com a princesa que o filho adorava. Mas nem por isso a peça deixaria de se prestar a interpretações maliciosas: podia parecer, por exemplo, que, trocando as posições, e fazendo o rei da comédia sacrificar o seu amor de esposo ao seu amor de pai, autor quisesse sugerir o como dom Manuel deveria ter procedido. Visivelmente, Camões não tinha qualidades de diplomata.

Aliás, em parte alguma o seu feitio aparece melhor do que nos seus verbos, e, sobretudo, nos "Lusíadas". A unidade moral do poema, o seu ar de espontaneidade viva e corrente, o constante vigor e nitidez dos sentimentos, a correspondência dos traços psicológicos entre si e sua harmonia com o ambiente da época tudo denota que esses cantos jorraram em largos jactos, dos veios profundos de uma personalidade máscula, segura de si, sem sinuosidades e sem hesitações.

Camões aí está como ele era. Aí está o seu gosto da valentia e do gesto cavalheiroso, como no episódio dos doze de Inglaterra e numa quantidade de pequenos passos espalhados pelos mais cantos. Aí está o seu gênio um pouco fanfarrão, sob a forma de cândidos raptos de patriótica ufanía, como quando põe nos lábios de Baco esta hiperbólica referência aos portugueses: "temo — Que do mar e do céu em poucos anos — Venham deuses a ser, e nós humanos". Aí está o seu orgulho, como quando de clara a dom Sebastião nas últimas estrofes: "Nem me falta na vida honesto estudo — Com longa experiência mistura do, — Nem engenho, que aqui vereis presente, — Coisas que juntas se acham raramente". Aí está a sua severa lealdade de soldado e cavalheiro, como nos conselhos que dá ao jovem rei, no canto X. Aí está o seu espírito de retidão e de justiça, quando rijamente profliga a crueldade do seu admirado herói Afonso de Albuquerque para com o desgraça do Rui Dias, a quem mandou matar por andar de amores com uma rapariga do seu séquito; quando condena a ingratidão de dom Manuel para com o bravo e honrado Du arte Pacheco; quando despreza e vergas ta os ambiciosos, os adúladores, os que vexam e espoliam o povo; e quando de clara, dizendo a verdade, que não dará jamais o seu louvor a quem não o mereça.

Aí está, enfim, o seu radical pendor para a clareza e a decisão, visível em todo o fundo moral e mesmo na composição e forma dos seus versos.

Vejamos, para terminar, um novo aspecto desta individualidade frondosa. Aqui encontramos o maior dos seus contrastes.

Sabemo-lo galanteador, expansivo, inquieto, folgazão — e desventurado. Vem de Coimbra para Lisboa após os estudos; entra no paço; é desterrado para o Ribatejo; volta e segue a servir em Ceuta por dois anos; tenta partir para a Índia e a nau que o leva torna atrás batida por uma tempestade; demora-se em Lisboa; jaz por oito meses na prisão do Tronco; parte para a Índia, sob o humilde gorro de soldado raso; passa dezesseis anos entre a África, o Indostão, o Mar Vermelho, as Molucas e a China, em viagens, tormentas, combates, amores, intrigas, prisões, misérias, raivas, desesperos e saudades. Contudo, não só teve tempo para formar uma ilustração fora do comum, como o teve para realizar uma obra literária compôta de três comédias, cerca de três centenas de sonetos, uma opulenta coleção de églogas, oitavas, canções, odes, epístolas, endechas, glosas, e enfim um poema épico em dez cantos, com 1.102 estrofes — fora as cartas e fora os ensaios que inutilizou e as coisas que se perderam.

Essa obra resume de certa forma o saber e as ideias do tempo. Está inçada de imagens clássicas, de referências mitológicas, geográficas, históricas, astronômicas, de comparações eruditas, de nomes e fatos, de mil coisas, enfim, que parecem supor o manuseio constante de livros — se bem que devamos fazer largo crédito a uma fenomenal memória, tratando-se de uma época em que os livros não podiam ser adquiridos facilmente, e tratando-se de um homem cuja vida, como ele mesmo disse, andou "por o mundo em pedaços repartida".

Temos, pois, que ver, embora custe, ao lado do Camões irrequieto e derramado, um Camões recolhido e meditativo, homem de letras completo, homem preparado, estudioso, paciente, grande devorador de obras de todo o gênero, enfim, um tipo disciplinado, assentado, literalizado, tradicionalista, que se nos afigura exatamente o oposto do homem de ação, de iniciativa e de vida intensa.

Mas, aqui, já passamos do temperamento e do caráter nativo do poeta para a brilhante e redundante figura social e literária do homem da Renascença e do Portugal do século XVI, do homem representativo de um momento da civilização e de um momento da história portuguesa.

III - O HOMEM DA RENASCENÇA

Camões, tanto moral como literariamente, foi bem um homem do seu tempo. Algumas das características gerais e particulares do século XVI reúnem-se e fundem-se na personalidade do nosso poeta, desde as suas raízes, como que lhe imprimindo auguralmente um cunho épico.

"Desde as suas raízes", porque é na verdade difícil distinguir nela, de todo, o que é expressão do temperamento do que é reflexo das imponderáveis influências do ambiente. Esse próprio humor cambiante e vivaz, essa inquietação, essa vida aventureira e acidentada, essa multiplicidade de aptidões, essa ânsia de desdobramento, parecendo coisas tão propriamente suas, se encontram em muitas outras figuras notáveis da época, um Buonarrotti, um Leonardo, um Erasmo, um Cervantes, um Tasso, e, sem sair de Portugal, um Antônio de Gouveia, um Fernão Mendes ou um Damião de Góes.

Como filho da Renascença, Camões teve a paixão da literatura, que então revizava ao contacto das artes no culto fervente das belas formas, e ao mesmo tempo a paixão do humanismo, bem visível na abundância de conhecimentos que se reflete nas suas obras, denotando de morado e guloso comércio com os livros.

No tempo em que ele estudava em Coimbra, o uso do latim era obrigatório na universidade. Em Portugal, como nos outros países da Europa, toda a gente que soubesse alguma coisa devia saber, antes de tudo, latim. Os próprios principiantes, no verdor da primeira juventude, principiavam a desasnar-se com o mestre de língua latina. Camões, porém, não se limitou a estudar o latim pelo latim, como toda a gente: seu espírito visava a mais alto objetivo e tinha necessidades desconhecidas da maioria. Dessa cultura latina estreita e mecânica, que produziu tantos pedantes, ele aproveitou-se para enriquecer e polir sua linguagem e estilo, conservando-lhe Contudo um genuíno e perfeito sabor de naturalidade portuguesa. Demais, não se limitou à língua: estudou com desusado afã a literatura latina, a história e à mitologia clássicas.

O seu sábio tradutor e biógrafo alemão, o Dr. Stprck, mostra-se assombrado da soma de conhecimentos que, ele revela nessas matérias — "conhecimentos até de pormenores mínimos, que ele explica, como propriedade intrínseca sua, mesmo nas regiões onde não podia ter à mão livros de consulta" Essa paixão da antiguidade greco-romana foi até ao exagero: não há um herói, um homem ilustre, dentre os muitos aos quais se refere, não há quase um acontecimento, um aspecto de natureza que não lhe acorde imediatamente, por espontânea associação, uma analogia tirada da antiguidade.

Da mitologia fez o larguíssimo em prego que se sabe, — emprego sem dúvida excessivo, e por vezes extravagante, que havia de despertar a censura de Voltaire, mas, como quer que seja, espantoso pela propriedade e certeza com que as evocações pagãs lhe afluíam sob a pena, e de resto explicável pelo gosto do tempo em toda a Europa.

Assim como conhecia as literaturas antigas, também mostrava ter-se enfronhado largamente nas modernas, especialmente a italiana e a espanhola, não só na poesia culta, como ainda na popular. Reunia, no mesmo culto entusiástico, aos grandes poetas clássicos os modernos Dante e Petrarca, e também os Sannazaro, os Ariosto, os Garcilaso e os Boscan; entusiasmo tão forte que o levou a imitá-los em numerosos passos de suas obras, — conformando-se nisso, aliás, às doutrinas literárias do tempo, que não só autorizavam, como recomendavam a imitação dos mestres consagrados.

Mas ainda não bastava tão vasta seara literária a saciar-lhe a insaciável curiosidade do espírito. "Saber muito, diz Storck, era o característico daquela época; a instrução enciclopédica, sonho dourado dos humanistas" Camões alimentou esse sonho dourado.

"Os seus conhecimentos filosóficos, escreve o mesmo autor, derivam quanto a pormenores, na aparência, da leitura de Diógenes de Laerte, Plutarco, Cícero, Valério Máximo, Aulo Gélcio, Plínio Sênior, e das Antologias. As suas poesias dão testemunho claro de como conhecia ditos e feitos de uma longa série de escritores ilustres: Homero, Aeliano, Xenofonte, Virgílio, Lucano, Ovídio, Horácio, Plauto, Lívio, Eutrópio, Justino, Ptolomeu e outros" A história universal, a geografia e a astronomia eram-lhe familiares.

Quanto à última, é verdade que andou um pouco atrasado: atinha-se ainda ao sistema de Ptolomeu, largamente exposto no canto X, quando o seu contemporâneo Copérnico já havia desde 1543 desmantelado as concepções do astrônomo alexandrino. Contudo, não admira esse atraso, talvez propositado, numa época em que, afinando com Lutero, que indignadamente bradava contra a "invenção" do astrônomo polaco, o clero católico igualmente reagia, pela doutrina, pelo ensino e pela repressão inquisitorial, contra os "erros" da nova astronomia.

Nessa matéria, como em outras, o literato, o estudioso, o homem do saber livresco e das ideias aprendidas andava em luta com o pensador independente, com o espírito original e indagador. Essa luta constante, em que ora triunfava o humanista, ora o investigador e pensador livre, em que as mais das vezes se compenetravam numa íntima e curiosa fusão, é toda a história do espírito de Camões, que assim resumia em si, admiravelmente, as duas grandes feições intelectuais do seu século, tão notável pela curiosidade do antigo como pela curiosidade do novo, pela paixão da literatura, da arte e do saber clássico e pelo surto maravilhoso de inéditas visadas filosóficas, artísticas, literárias, críticas e científicas.

A flora dos "Lusíadas", como tão claramente demonstrou o conde de Ficalho, contém, ao lado de uma multidão de reminiscências clássicas, grande cópia de

indicações precisas acerca das plantas tropicais, atestando um raro escrúpulo tanto na caracterização como na localização de cada espécie. A mesma aliança de cultura antiga e de curiosidade experimental se manifesta de maneira flagrante na ode que fez o nosso poeta ao conde de Redondo, em Goa, impetrando o favor do vice-rei para o "Colóquio dos simples", do seu amigo Garcia de Orta, um dos primeiros naturalistas modernos, fundador de um jardim de plantas em Bombaim.

Passam pelas poucas estrofes dessa composição o "templo da Fama", o "grão filho de Tétis", os troianos, Febo, Heitor, Télefo, Aquiles. É invocando o exemplo deste herói, amigo da medicina, que o poeta pede a proteção do conde para o novo livro, o qual, "impresso à luz saindo — Dará da Medicina um vivo lume, — E descobrir-nos-á segredos certos, — A todos os antigos encobertos" A obra de Orta foi um marco de posto no caminho novo da ciência positiva, fundada na observação direta da natureza. Mereceu a atenção dos sábios, sendo traduzida para diversas línguas. Vê-se que Camões não se interessara por pequena coisa.

Em outra ordem de assuntos, mas sempre mostrando a universalidade do seu espírito, vemos o poeta interessar-se também, mais tarde, pela publicação da obra de Gandavo, "História da Província de Santa Cruz".

Nas apreciações e comentários do poeta, através de todos os seus escritos, ainda melhor se desvenda essa fusão do respeito à autoridade antiga com o espírito de indagação e iniciativa. Tem a erudição em grande conta, mesmo em conta exagerada, como um Ronsard ou um Tasso, mas reconhece a necessidade! da experiência, e não se cansa de a indicar aos contemporâneos, ainda demasia do submissos ao prestígio do saber medieval, indiferente à natureza. Aponta-a mais de uma vez ao rei:

*Tomai conselho só de exprimentados,
Que viram largos anos, largos meses;
Que, posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.*

*De Formião, filósofo elegante,
Vereis como Aníbal escarnecia,
Quando das artes bélicas diante
Dele com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na fantasia.
Sonhando, imaginado, ou estudando,
Senão rendo, tratando e pelejando.*
(Lus., X, 152-153.)

Lembrais-vos da vigorosa descrição da tromba marítima, feita no canto V dos "Lusíadas" Começando-a, nota o poeta existirem na natureza coisas que os ignorantes só conhecem por experiência e são entretanto verdadeiras, apesar de julgarem o contrário aqueles "Que só por puro engenho e por ciência — Vêem do mundo os segredos escondidos" Terminando a, exclama Camões ironicamente, como a espicaçar de leve a imensa pretensão dos que julgam só por "puro engenho e por ciência", isto é, agarrados à razão lógica e livresca: "Vejam agora os sábios na escritura — Que segredos são estes da natura": — consultem os seus cartapácios, e vejam se lá encontram a explicação destas coisas "incríveis", mas "verificadas".

Por essa feliz aliança das duas tendências é que o homem não foi aniquila do pelo erudito; que, imitando, soube ser original; que, reunindo laboriosamente mil respigas literárias e enciclopédicas, soube lançar tudo isso na fornalha do seu temperamento ardente, imaginoso e idealista, de envolta com mil impressões e mil estímulos de uma vida intensamente vivida.

Como bom filho da Renascença, Camões cultivou a moral da ação e da glória, que então se erguia contra a moral da abstenção e do cilício, baseada nas promessas do céu. Mas aqui, como sob outros aspectos, é interessante notar como ele temperou instintivamente mais essa inclinação com outras diretrizes. Todo o seu poema é um férvido hino à ação heróica, estimulada pelo legítimo desejo de glória. Mas, em vez de querer a plena expansão da individualidade, solta de todas as peias, impunha-lhe o dever moral como uma couraça de ferro. O seu ideal do herói é romano pela fidelidade absoluta ao dever patriótico, cavalheiresco pelo desprezo do dinheiro, dos gozos e das honrarias, pela audácia e gentileza:

*Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras imortais e graus maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscovia zebellinos;*

*Não co'os manjares novos e esquisitos,
Não co'os passeios moles e ociosos,
Não co'os vários deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos apetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum, que o passo mude*

Para alguma obra heróica de virtude;

*Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que ele chame próprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento
Temperado c'um árduo sofrimento;*

*E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledó, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Dest'arte o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.*

*Dest'arte se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afetos ocupado,
Subirá (como deve) a ilustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.
(Lus., VI, 95-99.)*

Também no que se refere à religião, o nosso poeta não esteve isento das influências encontradas que então percorriam o ambiente europeu. Teófilo Braga descobre nele traços das ideias de Erasmo, precursor da Reforma, que se espalharam por todos os países e chegaram a fazer numerosos prosélitos na península ibérica, mesmo entre teólogos e padres. A verdade é que o que se encontra em Camões não são ideias determina das e assentes sobre questões de crença, mas, como em muitos espíritos ilustres do seu tempo, uma certa inquietação, oriunda, por um lado, do enfraquecimento da antiga fé, por outro, das perplexidades da razão ainda vacilante nas suas investidas.

Há tal ou qual analogia entre alguns de seus pensamentos e a atitude, por exemplo, de Rabelais e de Montaigne, para os quais a fé vinha a ser como um recurso de comodidade, bom para se cortar cerce pelas preocupações metafísicas. Mas, como o autor dos "Essais" também desconfiava da razão; e é

curioso aproximar esta frase do pensador francês: "O que c'est un doux e mol chevet et sain que l'ignorance et l'incuriosité à reposer une teste bien faite!" dos seguintes versos entressachados à nos "Desconcertos do mundo":

*Quem tão baixa tivesse a fantasia,
Que nunca em mores cousas a metesse,
Que em só levar seu gado à fonte fria
E mungir-lhe do leite que bebesse!...
Em Deus creria simples e quieto,
Sem mais especular algum secreto.*

A mesma situação de espírito se de senha num dos sonetos:

*Efeitos mil revolve o pensamento
E não sabe a que causa se reporte:
Mas sabe que o que é mais que vida e morte
Não se alcança de humano entendimento.*

E o soneto termina com a salvadora saída, o recurso extremo: "Mas o melhor de tudo é crer em Cristo."

Nos "Lusíadas", Camões comporta-se em matéria de religião como um perfeito crente. O mundo antigo fascina-o; tem constantemente o pensamento cheio dos seus heróis, dos seus filósofos, dos seus poetas. Admira-lhe a liberdade, a beleza, a sabedoria, a plenitude. Os seus mitos encantam-no. A razão e a imaginação do poeta vivem numa atmosfera pagã. Ele ama a vida, a ação, os feitos luminosos, os gestos ardentes, o florescimento da individualidade à grande luz da natureza. Mas, enfim, com porta-se como um perfeito crente. O seu partido está tomado: é preciso crer. A religião forte e o Estado forte são necessários à sua compreensão da vida social e das conveniências morais. Como um romano antigo, ama a disciplina e a ordem, dentro das quais o indivíduo se nobilita e se afina, as instituições vicejam, as artes prosperam e a pátria se robustece e perdura.

Por isso, condena com energia a rebelião protestante, que rejeita o "jugo soberano" e divide a cristandade, quando turcos e mouros estão vexando a Europa; profliga com a mesma veemência as dissensões e os impulsos egoísticos dos príncipes católicos; incita os europeus a unirem-se, para debelar a arrogância otomana, e apresenta-lhes, cheio de patriótica ufania, o exemplo maravilhoso da audácia portuguesa:

*Aquelas invenções feras e novas
De instrumentos mortais de artilharia,
Já devem de fazer as duras provas*

*Nos muros de Bizâncio e de Turquia.
Fazei que torne lá às silvestres covas
Dos Cáspios montes e da cítia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.*

*Gregos, Traces, Armênios e Georgianos
Bradando-vos estão que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do Alcorão: duro tributo!
Em castigar os feitos inumanos
Vos gloriái de peito forte e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.*

*Mas em tanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana;
De África tem marítimos assentos;
He na Ásia mais que todas soberana:
Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvera, lá chegara.
(Lus., VII, 12-14.)*

IV - O PORTUGUÊS

O que acaba de dar plena consistência e enérgico relevo a esta figura, que vedes mal esboçada nos aspectos até aqui encarados, é a sua alma e a sua consciência de português.

Claro é que o português já está de algum modo assinalado sob as cores vi vazas desse temperamento jovial e melancólico a um tempo, amoroso, senti mental e valente, e sob as próprias feições do homem da Renascença — por que essas feições não representam em suma senão a maneira como atuaram sobre o espírito de um português as influências que a Renascença e fenômenos concomitantes espalhavam por toda a Europa. Mas é preciso agora acentuar; mais precisamente o seu lusitanismo, qualidade tão essencial à compreensão do seu gênio, que chega a confundir-se com este. O gênio de Camões foi o amor da pátria exaltado.

O patriotismo de Camões não era apenas ideia, reflexão e vontade, era, antes de tudo, qualquer coisa ainda mais orgânica e substancial na sua pessoa. Dir-se-

ia que lhe latejava obscuramente nos próprios fundamentos do ser, como o instinto de conservação e como os apetites elementares, e que ele viera ao mundo talhado para ser patriota ainda contra vontade. Muita coisa concorre para que Camões seja a expressão suprema da sua pátria, e nem tudo se pôde atribuir a propósitos definidos e certos. O inconsciente corria adiante das suas concepções meditadas e chegava à meta antes delas. É possível mesmo que as tenha suprido mais de uma vez.

Já vimos como a sua paixão da antiguidade foi grande: pode-se dizer que foi exagerada, em questões de pormenores. Houve, porém, qualquer coisa que o amparou, evitando que tombasse no puro eruditismo ou que se estagnasse, como Ferreira, na superstição dos modelos clássicos; e esse poeta, que parecia ter na cabeça um compêndio de mitologia e outro de história antiga, foi o que melhor soube aliar às ideias e formas novas a maior soma de elementos nacionais — as lendas e crenças, os sentimentos e ideias, os boleios familiares do velho lirismo, o tom genuíno da espontânea loquela nativa.

Já ficou dito que a sua moral se ressentia do influxo do Renascimento, que substituirá a uma pálida glória no paraíso a glória saborosa e acre que se conquista na terra. A moral aristocrática dos homens da Renascença italiana tendia à plena expansão da "virtu" individual, no pleno gozo de todos os bens deste mundo. Camões punha como suprema lei o dever patriótico e desprezava a cobiça dos bens materiais como indigna de ânimos generosos. Há nessa atitude algo daquele desprendimento e pureza dos cavaleiros andantes, cujas façanhas e gestos ainda deliciavam toda a gente na península, através de maníacas exagerações literárias. Parece brilhar sobre ela como uma estrela a velha máxima cavalheiresca: "Fais ce que tu dois, advienne que pourra". Mas também há nela bastante da concepção romana do patriotismo, que, como notava Antero de Quental, era a que então predominava ou acabava de predominar nas camadas superiores da nação, produzindo uma florescência admirável, e única no tempo, de caracteres compactos, couraçados de lealdade, de abnegação e de valor. Portanto, ainda aqui o poeta não fez senão representar nos seus próprios sentimentos os melhores sentimentos da grei nacional.

Mas ainda há mais, muito mais. Não foi, de certo, com exata intenção que Camões, poeta de um país de navegadores, se tornou o grande poeta do mar, como vem sendo notado desde Humboldt e Lamartine até Joaquim Nabuco. Os "Lusíadas" desenrolam-se como sob um marulho constante de vagas e um sibilar de ventos em vergas e cordoalhas. Muitas das mais vivas, mais verdadeiras e mais formosas das suas pinturas e evocações são marítimas. A paisagem e as coisas de terra passavam vagamente pelos olhos do poeta: os aspectos, cenas e incidentes do mar fixavam-lhe a atenção e gravavam-se-lhe na memória em fulgurantes imagens, ricas de cor, de movimento e de relevo.

Mas venhamos propriamente ao seu patriotismo.

Esse é inegável. Impossível confundi-lo com uma simples exaltação poética mais ou menos sincera, mais ou menos artificial. Tudo, na sua vida e nos seus escritos, traz uma preocupação constante com a terra de seu berço. Algumas das notas mais humanamente vivas da sua poesia são puros brados de saudade, de ternura ou de orgulho patriótico. Lembrais-vos, certo, de como soam deliciosamente, irrompendo como um gorgolão de água fresca no meio da longa narrativa do Gama ao rei de Melinde, estes quatro versos tão simples:

*Esta é a ditosa pátria minha amada,
A' qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo...*

Notai com que flagrante naturalidade soluça o último verso do soneto em que ele descreve, enfasiado, as misérias da Índia, triste Babilônia onde a pátria lhe surgia na lembrança como uma Jerusalém formosa e remota:

*Cá neste labirinto onde a Nobreza,
O valor e o saber pedindo vão
Às portas da cobiça e da vileza;*

*Cá neste escuro caos de confusão,
Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!*

Mas todo o seu grande poema não é senão um só canto comovido e forte de patriotismo irreprimível. Desde a primeira à última estrofe tudo parece correr abundantemente da mesma fonte íntima de amor, de ufanía e de entusiasmo. Por sob a sucessão das estâncias, ora vivazes e vibrantes a sugerirem longos rufos de tambores, ora calmas e solenes como as solidões do mar em bonança, ora alegres e coloridas, ora tocadas de tristeza como ilhas envoltas na cerração, ora frementes de desconsolo ou de cólera, há sempre e sempre a permanência inalterável de um sentimento profundo, que não arrefece, não dorme, mas pulsa constantemente como um coração poderoso: o amor da pátria.

Sem essa paixão, assim absorvente e dominadora, não é possível compreender o milagre desta vida tormentosa e desgraçada, que produz tal poema. Considerando os aspectos exteriores e superficiais dessa vida e dessa individualidade, fica-se assombrado de como pôde sair obra tão vasta, tão complexa, tão sólida e tão memorável de tanta desordem e tanta incoerência aparentes. É preciso, porém, inverter os termos. A vida secular de Camões é que foi, em grande parte, um produto dos "Lusíadas".

A criação de poemas épicos era uma ideia que andava no ambiente da Renascença . Na Itália havia os exemplos ilustres de Boiardo, de Bocaccio e de Ariosto. Em França, um contemporâneo de Camões, Ronsard, preparava a sua "Franciade" Em Portugal, João de Barros, entre outros, exprimira a aspiração de um poema nacional, e chegara a bosquejá-lo de algum modo, nas visões finais do seu "Clarimundo" Mas em Portugal não havia apenas o sonho literário de uma epopeia, havia uma assombrosa epopeia feita pelo povo e que só esperava por uma voz bastante poderosa que a elevasse à concentração e ao esplendor da forma de arte definitiva.

Essa ideia, vagueando no ar, pousou naturalmente em muitos espíritos, e foi-se. Chegando, porém, a Camões, encontrou um jovem rebento de antiga e larga progênie portuguesa, um parente do ilustre Gama, um caráter ardente e generoso, inteligência aberta e cultivada, imaginação luminosa. Era o terreno próprio. A ideia, acariciada a princípio, deixada logo por outros cuidados, retomada depois, talvez displicentemente, não o abandonou mais. Crescia e precisava-se por si, como um germen.

Um dia, o poeta Olhou para dentro da sua alma, e ficou angustiado e maravilhado, receoso e triunfante: era a visão do poema, global e imponente, ainda confusa, mas já esplendida, que lhe entrava pelos olhos espantados, num tropel variegado de guerreiros, de heróis, de varões romanos, — piques levanta dos, espadas relampejantes, corcéis escumosos, velas a talar ao vento, estandartes, paquifes e cruces, — a princípio no horizonte azul do pátrio torrão, de pois mais longe, mais longe, mundo em fora, céu em fora, e ficava pairando sobre a largueza do horizonte mais vasto que até então fora possível conceber, e perdia-se lá no alto numa nevoenta lucilação de resplendores onde se moviam teorias de deuses.

Desde esse dia ele guardou consigo a "sua" ideia, com respeito, com zelo e com ânsia, como quem trazia uma revelação, um segredo, um tesouro, um mundo consigo. Desde então, não se pertencia mais. Tinha uma missão na vida: realizar aquela visão. Ela possuía-o. Ele era seu escravo. Decepções de amor, desenganos de amizade, malícias humanas, infâmias, tãcanhices, que lhe importava isso tudo? Abandonava-se aos balanços da fortuna. Largava-se ao vaivém das ondas da vida. Soprem os ventos de onde soprarem! Atirem esta pobre carcaça de um a outro canto dos mares orientais! Passe por ele a insolência ultrajosa dos chatins opulentos e dos fidalgos tesos e vazios! Venha a miséria, a fadiga, a fome! Ele já não cuida de si. Ele tem a sua missão na vida, a sua grande missão, a sua missão máxima, quase única, a sua missão de amor e já agora de revolta, de desespero, de vergonha, e de esperança, ainda.

Por isso, também, pouco lhe importam os espetáculos repugnantes da realidade presente. Ele vê, ele palpa, ele acima de tudo experimenta quanto há de torpeza nos homens, quanto é vil "o mundo vil da néscia gente", quanto pode a injustiça, quanto vale o dinheiro, "que a tudo nos obriga", quanto o egoísmo e a malignidade perseveram sob as mais belas aparências de polícia e cultura, quanto, enfim, a terra que ele adora está enxovalhada de coisas execráveis. Não importa. A sua visão salva-o de ficar à beira do esterquilínio, entregue ao desânimo, ou entretecendo pequenas rimas, pequenas intrigas e pequenas discórdias .

A sua pátria, a pátria que ele estremece e em cujo seio se refugia não é essa das aparências e das contingências presentes, é uma pátria transfigurada e purificada, alta como um castelo, casta como uma igreja, inacessível à espumarada dos macaréus transitórios; é a pátria sublime, realidade maior e mais bela que a realidade tangível, a pátria dos heróis, dos sábios, dos justos, dos sonhadores, das grandes almas, das belas ações, dos feitos ilustres, dos orgulhos profundos, das audácias flamejantes, das aspirações radiosamente abluídas em sangue e em lágrimas generosas; é a pátria que vive há séculos numa obstinação de existir e de poder, que venceu em Aljubarrota, que expeliu os mouros, que fulgurou no montante de Afonso Henriques, que coriscou na espada de Nunalvares, que chamejou no penacho de Fuas Roupinho e de Magriço, que ar deu no côncavo das velas errantes assombrando mares e terras da América, da África, da Ásia e da Oceania; é a pátria que se consubstancia numa aparição de beleza e de glória, e que não morre.

Assim, tudo na sua vida se subordinou ao ritmo de um pensamento supremo e às necessidades da sua elaboração. Assim, tudo quanto lhe vinha do trato e experiência dos homens e das coisas, seus estudos e leituras, tudo se lhe ia convertendo insensivelmente em Substância viva, fecundada pela presença permanente daquela ideia dominadora, que vegetava e crescia. Daí a soma enorme de conhecimentos literários e científicos, de noções morais, de sentenças e observações práticas que enchem o poema e que não se devem compreender só como uma multidão de materiais expressamente aparelhados para ornamento da obra, mas, principal mente, como coisas que se foram fixando sob a ação organizadora e plasticizadora de um pensamento único, que era para o poeta a vida da sua vida e que lhe abrangeu toda a atividade psíquica durante a maior parte da sua existência.

Terminados os "Lusíadas" o poeta voltou com eles à pátria e feios imprimir, em 1571, na casa de Antônio Gonçalves: edição simples, sem proêmio, sem dedicatória, sem notas. Estava reduzido à mais negra necessidade, quase vivendo de esmolas. Obteve-se-lhe uma tença de 15\$ anuais. No mesmo ano, pouco depois, o rei mandava pagar 20\$ por ano ao seu copeiro Antônio Galvão, por lhe ter trazido em primeiro lugar a notícia da matança de Saint Bartelêmi...

Cerca de um ano antes, o mesmo rei; concedia a comenda da Ordem de Cristo a Ronsard, a pedido do seu "irmão e primo", o rei de França.

Passam-se alguns anos. Em 1580, Portugal estava nas mãos de Castela. Camões, no seu leito de morte, teve a antevisão do ultrage e escrevia a um amigo: "assim acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçoado à minha pátria, que não somente me contentei de morrer nela, mas de morrer com ela."

Morreu com ela. Mas nem ele nem ela morreram de todo. Durante a dura noite do cativeiro, o fogo sagrado continuou a ser entretido em silêncio pela devoção dos que não se corromperam nem se entibiaram. Para esses o poema de Camões foi o livro dos livros, o resumo - das suas saudades, das suas crenças e das suas esperanças. Veio depois a hora da ressurreição, e o poema assim continuou sendo, até hoje, para todo o povo português; e assim continuará por todo o sempre.

Refere Diogo do Couto que, voltando da Índia, em 1568, foi encontrar na maior miséria, em Moçambique, o seu "matalote e amigo" Luiz de Camões, e chama-lhe "Príncipe dos Poetas do seu tempo" Príncipe imperante ficou ele sendo desde então e sempre há de ser.

Nenhum reinado mais largo, mais aceito, mais amado, nem mais proveitoso. Portugal deve-lhe mais que a todos os seus reis, guerreiros, estadistas e doutos. Todos esses lhe deram grandezas e faustos, haveres e brilhos que passaram, ou passam: os "Lusíadas", o "Tesoro dei Luso", na frase de Cervantes, esse não passa. As outras riquezas continham germens de decadência, de corrupção, de desordem ou de morte: os "Lusíadas" incorruptíveis, invioláveis e imortais, são uma fonte perene de consolações, de energias e de esperanças.

Em torno deste príncipe perfeito a nação se congraça, se reconhece, se reanima. Diante dele todas as independências e todas as rebeldias se dobram e murmuram contritas, num ato de fé e de amor.

Que maravilhoso destino estava reservado àquele triste indigente de Moçambique!

V - O POEMA

Esse poema, porém, não interessa apenas a portugueses, como uma espécie de livro sagrado de uma religião nacional, estranha e esotérica. A universalidade é que constitui a sua maior e mais duradoura grandeza. Se Portugal desaparecesse um dia por efeito de um cataclismo, do grande naufrágio se salvaria, quando tudo houvesse de perecer, este livro imortal e predestinado a

sobrenadar a todas as ondas da vida e do tempo, como se salvou das águas do Mecom pela mão do pobre poeta naufragado.

Os "Lusíadas" são uma dessas obras do espírito humano que parecem incorporadas no conjunto das forças da natureza, enquadradas no jogo e circulação das energias e dos fenômenos. Tem qualquer coisa de orgânico e de vital, que lhe vem do acaso ou do providencialismo dos acontecimentos e das coincidências que o suscitaram, e que por isso mesmo lhe deram esse caráter de uma concreção maravilhosa de largas realidades e de virtualidades perenes.

Dir-se-ia que os grandes criadores geniais são, de fato, porta-vozes, "desecos sonores", refletores, ou, melhor, álveos preparados por um desígnio extra-humano para receberem a confluência excepcional de várias correntes dispersas da vida e do pensamento.

Essa ideia, que parece eivada de misticismo romântico, como que se impõe, entretanto, aos espíritos mais inclinados a uma apreciação positiva e objetiva das coisas. A concepção de uma consciência exterior e superior à do artífice, dentro da qual e pela qual ele pensa, ele sente, ele se move, pela qual ele se põe, sem o perceber, em contacto com a grande vida da história, com a mais larga realidade humana e com o inundo do mistério e da eternidade, se ainda se ressentir de muitas incertezas e dá lugar a muitas fantasmagorias retóricas, mercê das nossas ideias incompletas sobre os fenômenos relativos à atividade do espírito em função do meio social, é, contudo, uma concepção que se pôde aceitar provisoriamente como traduzindo de longe a verdade de um mecanismo efetivo, ainda mal estudado.

Em Camões, nós vemos antes de tudo um conjunto milagroso de predisposições de temperamento, de caráter, de origem, de educação, de situação social e de vida, que o tornavam apto a realizar uma epopeia com o que ela exige de ardor, de força, de gravidade, de convicção íntima, integral e profunda.

Esse homem surge exatamente num momento da civilização em que a volta entusiástica ao espírito antigo e às fôrmas que esse espírito criou, tornava possível uma larga e sôfrega absorção dos exemplos e dos modelos gregos e romanos, ainda não de todo requentados e repisados pelas minuciosidades da cultura retórica e gramatical. Ao passo, porém, que, em outros países, era preciso procurar os elementos esparsos da matéria épica nos refolhos da história, nos nevoeiros da lenda, nos esforços da meditação e nas liberdades da imaginativa, em Portugal a própria vida inteira do país chegara ao cimo de um movimento ascensional de energias coletivas, e a substância de uma poesia grandiosa como que refervia alucinante num estralejar de cachoeira.

Esse prodigioso conjunto de circunstâncias é que permitiu que Luiz de Camões, com todas as suas tendências doutorais, imitativas e cultistas (antes do verdadeiro "cultismo" literário) não caísse no artifício de uma composição sabiamente regulada pelo modelo virgiliano, ou de uma simples crônica metrificada, rimada e florida de elegâncias e belezas convencionais.

Ele bem se propôs a "Eneida", por modelo, bem se muniu de todo um aparelho clássico de figuras mitológicas, bem andou pelos arquivos da literatura antiga arrecadando uma multidão de pequenas peças aproveitáveis; mas a verdade presente e pungente dos incitamentos que o levavam a sonhar com uma epopeia, a sinceridade fervente do seu patriotismo, a vibração da sua natureza engolfada na realidade, entranhada nas palpitações ambientes da vida, e, mais que tudo isso, o seu gênio todo nutrido de objetividade e de sentimento, fizeram que rompesse, apesar de tudo, a couraça dos cânones respeitados e deixasse extravasar uma poderosa originalidade pelos dez cantos desse poema monumental.

Como notava Schlegel, os "Lusíadas" são o único poema verdadeiramente "nacional" dos tempos modernos, aquele em que se condensa deveras a história, o espírito, a alma de uma nação; e são ao mesmo tempo o mais universal dos poemas, porque nos apresentam essa nação a marchar do fundo da história para o cume de uma formidável missão civilizadora no mais largo cenário geográfico até então abarcado pelas energias humanas. São, ainda, o único onde se pôde respirar em verdade uma atmosfera de harmonia moral e de plenitude heroica, acima da "literatura", sem artifício, sem ceticismo dissimulado, sem ironia nem descrença latente, toda repassada de ingenuidade e de decisão, toda cheia de uma "certeza" tranquila, jovial e magnífica a expandir-se correntemente por uma "tuba canora e belicosa".

Esta a maior beleza do poema, a suprema beleza, de dentro da qual ressaem iluminadas ou na qual se dissolvem as outras belezas secundárias, e onde os próprios defeitos e as próprias partes caducas têm a sua explicação e o seu meio natural, como as folhas amarelas e os galhos ressequidos de uma grande árvore frondejante. Essas belezas menores são bastante conhecidas, e por isso estou dispensado de uma enumeração que seria fastidiosa.

Assim, os "Lusíadas" são um monumento oferecido à admiração universal, e um monumento irremovível e imperecível. Não é daqueles que se medem e se exploram com os metros e moldes de teorias estéticas limitadas e concluídas: é daqueles que se impõem à consideração de quem quer que lance olhares retrospectivos e circulares sobre as grandes manifestações da criação artística na humanidade, e que se tornaram fonte, base ou escora necessária de todas as concepções teóricas não inteiramente construídas no vácuo.

Para nós, brasileiros, os "Lusíadas" apresentam, além dos motivos universais de apreço, outros motivos que nos são particulares, e que não devemos esquecer. Antes de tudo, os "Lusíadas", sendo o poema de Portugal, são o poema da pátria de nossa pátria — e o poema da nossa raça. Unamuno, o grande escritor espanhol, não há muito, alargava esse conceito de raça para incluir nele a gente da Galiza, que é irmã da gente portuguesa, e dar assim aos "Lusíadas", obra de um descendente de galegos, o caráter de um poema ibero-ocidental, em que se traduzem qualidades fundamentais, comuns aos dois povos. Nós só podemos ter razões para não pretender menos que Unamuno, e seria ocioso insistir neste ponto.

Vem agora um outro motivo, ainda intimamente ligado ao precedente. A língua dos "Lusíadas" não é apenas a grande e formosa língua comum de Portugal e Brasil; é, a certos respeito, mais a língua do Brasil que a de Portugal. A prosódia fixada no poema, já não sendo a prosódia corrente dos portugueses de hoje, está perfeitamente de acordo, em quase tudo, com a que ainda prevalece na maior parte do nosso país. Nós podemos, sem afetação e sem contrafação, recitar os versos dos "Lusíadas" na plenitude do seu ritmo e da sua sonoridade. Já por esse lado, já também pelo boleio nativo da frase, pelo tom da elocução, pelo vocabulário, os "Lusíadas" têm para nós, principalmente nos trechos mais simples e mais espontâneos, um ar de familiaridade repousante e gostosa, que em vão procuraríamos em obras portuguesas de época posteriores.

Finalmente, um terceiro motivo, e último, não tanto porque não possa há ver outros, como porque devo ater-me aos principais e permanecer nos limites de um trabalho modesto, em que é preciso ambicionar mais que tudo o mérito da brevidade. Esse último motivo está na permanente atualidade moral dos "Lusíadas", atualidade, para nós, brasileiros, talvez não só permanente, como Imperiosa, no momento que atravessamos.

É coisa de toda evidência que nós vivemos, espiritualmente, no vago e no flutuante das ideias e dos sentimentos. Tíbios de caráter por um conjunto de fatores que não vem a pelo, nem seria fácil discriminar, somos tíbios e incertos em nossas idealizações e em nossos diretrizes. Temos um desgraçado pendor para as volúpias equívocas de um ceticismo e de um diletantismo de pensamento, que já tocam as raias do niilismo moral e total. Falta-nos fé, falta-nos fibra afirmativa, falta-nos a coragem de optar, falta-nos a sensação forte e rodente das responsabilidades perante a vida, perante a Pátria, perante a Humanidade e perante nós mesmos. Somos umas naturezas ondulantes e frouxas, melancólicas, sensitivas e retraídas, resinadamente rebeldes e inconciliáveis. A feminilidade da alma contemporânea é aqui mais acentuada do que em parte alguma.

Padecemos uma grande doença, de que não temos toda a culpa, cujas origens espaçam mesmo, em parte, à nossa compreensão, cuja própria presença se percebe em conjunto mas refoge à pressão de um diagnóstico minudente. Contudo, é preciso reagir E entre os muitos remédios e corretivos que cada qual deve buscar, segundo sua ideia ou seu instinto, um deles bem poderia ser o poema da nossa raça, que é também o poema da Masculinidade robusta, onde se glorifica a vida, onde se sente passar, como um sopro de primavera e de batalha, a beleza forte da ação, onde se enaltece o individualismo a expandir-se dentro de uma ordem superior como um Hércules benéfico, onde ressoa magnificamente um hino ao sentimento do dever humano e social. É o dever feito poesia e beleza, o áspero dever que floresce em heroísmo, em alegria e em orgulho, o dever saneador e revigorador que tem criado tudo quanto há de mais prestigioso, mais durável e mais incorruptível na história, superpondo ao mundo das forças brutas, da vida vegetativa, do fatalismo gemente e das indecisões crepusculares o mundo claro e definido da consciência que afirma, forte da sua boa fé, e da vontade que age, segura da sua intrínseca bondade, — uma, ardente como um lume na treva, outra cortante como uma espada que rutila.

Mundo pequenino e precário como nau perdida em oceano tenebroso, mas, enfim, nau onde há a solidez relativa das taboas, onde há a palpitação das velas que prendem e cansam os ventos ameaçadores, onde há um leme submisso, onde os próprios astros remotos e indecifráveis servem aos nossos desígnios, e onde as flâmulas inquietas atiram ao espaço e às forças da natureza e do destino o desafio intrépido da energia humana sobrepairante ao mistério, à dor, à ruína e à morte!